



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo Uam – 27 a 28 de Agosto de 2007

A disciplina de planejamento turístico no ensino superior de turismo: das influências às tendências¹

Carlos Eduardo SILVEIRA²
Centro Universitário Positivo - UnicenP

José Manoel Gonçalves GANDARA³
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Juliana MEDAGLIA Silveira⁴
Centro Universitário Positivo – UnicenP

Resumo

O artigo levanta o estado da arte da disciplina de Planejamento Turístico baseado nas interfaces com as áreas que a influenciaram originalmente, e as práticas docentes nos cursos superiores de turismo na cidade de Curitiba. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica e documental seguida de pesquisa qualitativa baseada em entrevistas realizadas com os professores da disciplina, objetivando comparar a visão de planejamento turístico por parte dos docentes, o papel da disciplina e as oportunidades de mercado para os alunos, decorrentes do conhecimento adquirido nos cursos de turismo. Os resultados são apresentados e comparados com a teoria a fim de conhecer a situação atual do ensino da disciplina e seus desdobramentos sobre a educação superior em turismo. Especial atenção foi prestada às opiniões dos professores, suas influências e experiências profissionais. As conclusões apontam para um afastamento dos conceitos originais das disciplinas que a originaram e uma tendência à concepção própria das influências pessoais e acadêmicas, bem como uma estagnação no que diz respeito à produção bibliográfica e novas teorias sobre o tema.

Palavras-chave: Turismo; Planejamento; Docência em Turismo; Ensino Superior, Mercado de Planejamento Turístico.

¹ Trabalho apresentado ao GT6 – “Outras Interfaces”, do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Professor do curso de Turismo do UnicenP; Bacharel e especialista em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI; Mestre em Turismo em Países em Desenvolvimento pela Universidade de Strathclyde; Doutorando em Gestão e Desenvolvimento Turístico Sustentável pela Universidade de Málaga. E-mail: caesilveira@hotmail.com

³ Coordenador e Professor do Curso de Turismo da UFPR; Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR; Professor do Mestrado em Cultura e Turismo da UESC; Coordenador do Observatório de Turismo do Paraná; Bacharel em Turismo pela UFPR; Mestre em Gestão do Turismo pela SSCTS; Doutor em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Las Palmas de Gran Canária. E-mail: jmgandara@yahoo.com.br

⁴ Bacharel em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi; Especialista em Marketing Empresarial pela UFSC; Mestre em Turismo e Comunicação pela Universidade de Málaga; pós-graduanda em Gestão Social pelo UnicenP/Unindus. E-mail: julianamedaglia@hotmail.com

Introdução

Este estudo trata do ensino da disciplina de Planejamento Turístico, que além de ser considerada uma das principais áreas de atuação profissional dos bacharéis em turismo no Brasil (Almeida, 2005, p. 67), é uma disciplina comum aos cursos superiores de turismo no país, e a todos os bacharelados em Turismo de Curitiba. Além disso, como matéria, já era compulsória em 1971, quando o Ministério da Educação controlava mais firmemente os cursos superiores.

Ao considerar a dificuldade de se conhecer a realidade do ensino superior de turismo no que tange ao planejamento turístico em nível nacional, optou-se não somente por um universo, mas também por um âmbito geográfico factível de ser investigado, porém representativo da realidade. Desta maneira, a pesquisa aconteceu na cidade de Curitiba, onde foram pesquisados todos os cursos superiores de turismo da cidade, ou seja, das seguintes instituições: do Centro Universitário Positivo – UnicenP, da Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER, da Faculdade Opet – OPET, das Faculdades Integradas Curitiba – FIC, das Faculdades Integradas do Brasil – UNIBRASIL, das Faculdades Integradas Santa Cruz Inove – SANTA CRUZ, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP e da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Com isto, foram analisados cursos em universidades públicas e privadas, em centros universitários e em faculdades integradas e isoladas.

Assim, considerando o universo composto pelos cursos apresentados o objeto de estudo foi a disciplina de Planejamento Turístico. Contudo, mais que as disciplinas, o estudo foi concentrado nos professores das mesmas e suas opiniões acerca do tema, uma vez que:

A evolução pessoal dos profissionais do turismo será fortemente influenciada pelas características pessoais de seus educadores; a filosofia de vida, a visão de mundo dos professores, os conteúdos transmitidos deixarão marcas importantes nos processos evolutivos dos futuros profissionais do turismo. (SPINELLI, 2002, p. 118)

Sendo a opinião dos professores algo marcante nos futuros profissionais, e a atividade de planejamento baseada na visão de futuro, buscou-se levantar questões conceituais com os professores da disciplina de Planejamento Turístico e de Planejamento e Organização do Turismo dos cursos mencionados. O objetivo foi identificar o pensamento atual acerca da disciplina e da atividade, por parte dos *experts* no assunto.

Como não se partiu de hipóteses, mas sim do anseio de conhecer uma realidade, optou-se por um estudo exploratório que se utilizou de método qualitativo, tendo como ferramenta entrevistas individuais. Todas as entrevistas ocorreram em locais indicados pelos

entrevistados e, em média, cada uma levou entre 45 minutos e uma hora e, a fim de facilitar a transcrição, foram gravadas com autorização dos entrevistados. A testagem (ou pré-teste) foi realizada anteriormente com outros colegas de profissão, ou seja, professores de Instituições de Ensino Superior, que opinaram sobre a eficácia do que se questionou. Feitas as adaptações, o roteiro se manteve inalterado para todos os questionários. A estrutura das entrevistas é apresentada a seguir:

Quadro 1: Estrutura da Entrevista

BLOCO 1 – DADOS DO ENTREVISTADO:
Nome; Formação acadêmica; Experiência Profissional (acadêmica e de mercado); Disciplinas que leciona, programas e Instituições.
BLOCO 2 – ASPECTOS CONCEITUAIS DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO
1. Por favor, conceitue Planejamento Turístico (enfocando destinos).
2. Que etapas compõem o processo de Planejamento Turístico?
3. Quais são as principais áreas, departamentos ou disciplinas que influenciaram a disciplina?
4. Qual a diferença entre <i>Planejamento Turístico</i> e <i>Planejamento e Organização do Turismo</i> ?
5. Quais são as diferenças e/ou relações entre Planejamento Turístico e: a) Planejamento Estratégico; b) Planejamento de Marketing, c) Políticas Públicas
6. Qual você considera sua principal influência pessoal?
7. Quais são os atores que participam ou deveriam participar de um processo de Planejamento Turístico?
8. Qual é a importância do Planejamento para o Ensino Superior de Turismo?
9. Qual é o papel da academia no Planejamento de Destinos Turísticos?
BLOCO 3 – DISCIPLINA DE PLANEJAMENTO TURÍSTICO:
1. Qual é a carga horária e localização (ano/semestre) da(s) disciplina(s) na Matriz Curricular? Planejamento turístico é oferecido em uma ou mais disciplinas?
2. Quais são os principais conteúdos?
3. Qual é a metodologia de ensino aplicada (Prática, Teórica, Teórica e Prática)?
4. São realizados Planos de Desenvolvimento Turístico? Qual tem sido sua aplicabilidade e aceitação? A quem são entregues?
5. Como é feita a avaliação da disciplina?
6. Qual é a bibliografia fundamental utilizada (autores e livros em ordem de importância)?
7. Que outros materiais, que não sejam publicações, são utilizados como referência para a disciplina?
8. Que destaque é dado aos programas e políticas públicas (nacionais, estaduais e municipais) na disciplina?
9. Na sua opinião a(s) matéria(s)/disciplina(s) estão corretamente alocadas nos cursos de bacharelado ou deveriam fazer parte de outro tipo de formação (técnica, tecnológica ou pós-graduação)?
10. Com quais outras disciplinas e áreas relaciona-se o Planejamento Turístico dentro do curso? Existe alguma atividade interdisciplinar?
BLOCO 4 – MERCADO DE TRABALHO E ATUAÇÃO DOS EGRESSOS
1. Onde estão as oportunidades existentes para os que desejem trabalhar com planejamento turístico e quais as possíveis formas de atuação (consultoria, poder público, ONGs)?
2. Quais são as habilidades e competências fundamentais para um planejador, na sua opinião?
3. Você saberia dizer quantos egressos do curso estão trabalhando com Planejamento Turístico e onde eles estão?
4. Como você percebe o interesse dos alunos pela atuação profissional como planejador?
5. Você considera os conteúdos ministrados na(s) matéria(s)/disciplina(s) suficientes para a atuação profissional em Planejamento Turístico dos egressos?
6. Existe, na sua opinião, alguma parte ou etapa do processo de planejamento turístico que dependa exclusivamente de conhecimentos obtidos em cursos de turismo ou que só possa ser realizada por turismólogos?
7. Existe, na sua opinião, alguma forma de trabalhar com Planejamento Turístico sem o envolvimento do Poder Público? Por quê?
8. Por favor cite o nome de 5 planejadores de renome e com atuação reconhecida no mercado.

Fonte: Elaboração própria.

Para a interpretação dos resultados, buscou-se identificar os pontos de concordância e discrepância entre as respostas. Por se tratar de um grupo de nove pessoas, as respostas concordantes foram agrupadas em *rankings* de “poucos” – entre 1 e 3 respostas coincidentes; “vários” – entre 4 e 6; e “muitos” a partir de 7, além de “nenhum” e “todos”. As discrepantes

foram apresentadas numericamente, ou seja, explicitando a quantidade de entrevistados que forneceu respostas distintas dos demais. Ressalta-se ainda que os entrevistados não tiveram acesso prévio ao roteiro de entrevista, e que não lhes foi solicitado nenhum tipo de preparação, já que tencionava-se conhecer suas opiniões da forma mais espontânea possível, e não submetê-los a uma prova de conhecimentos sobre planejamento. Desta forma, ainda que as entrevistas tenham seguido um roteiro pré-estabelecido, buscou-se realizá-las num clima de informalidade.

Dados dos entrevistados

No primeiro bloco foram reunidos os dados pessoais dos entrevistados a fim de descobrir, através de suas informações, o perfil dos professores de Planejamento Turístico da cidade de Curitiba. Cabe destacar que o foco da pesquisa não é detalhar cada uma das opiniões, mas sim, traçar uma linha de pensamento coletivo atual nesta cidade por parte dos entrevistados.

Acerca da formação profissional da amostra a grande maioria dos professores do ensino superior de turismo, que lecionam disciplinas específicas dos cursos, são bacharéis em turismo. A tabela a seguir resume a formação da amostra:

Quadro 2: Descrição da formação dos Professores de Planejamento Turístico Entrevistados.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado	
CURSO	Quantidade	CURSO	Quantidade	CURSO	Quantidade	CURSO	Quantidade
Turismo	8	Turismo	4	Turismo	2		
Arquitetura e Urbanismo	1	Ecoturismo; Meio Amb.	2	Geografia	1		
Administração	1						
				<i>Incompletos</i>		<i>Incompletos</i>	
				Turismo	1	Turismo	1
						Geografia	1

Fonte: elaboração própria.

O que chama a atenção em princípio no quadro 2 é que nenhum dos professores de Planejamento entrevistados é doutor. Porém, o cruzamento destas informações com a experiência profissional dos professores apresenta conclusões ainda mais interessantes a respeito das titulações e da formação continuada.

Foi possível perceber que os professores que têm mais experiência como planejadores, incluindo alguns que ainda atuam profissionalmente na área, estão entre os que possuem somente título de especialista ou graduação (um dos casos). Isto chama a atenção para duas possibilidades: uma é que a atividade profissional de planejador exige muito esforço por parte dos profissionais e consome muito tempo dos mesmos, o que, em conjunto com as aulas,

dificulta ou impossibilita a educação continuada destes profissionais; ou, que a experiência de mercado supre a necessidade de atualização ou cria sensação de segurança suficiente a estes profissionais para o ofício do ensino superior. Por outro lado, não se pode afirmar que os professores que possuem menor experiência são os que têm titulação mais alta.

Quadro 3: Experiência Profissional dos Entrevistados (na academia e no mercado):

Experiência Profissional dos Entrevistados (em anos)	
Como Professor	Como Planejador
5	Indefinido (1 projeto)
3	6
6	18
10	Indefinido (vários projetos)
7	10
12	21
6	Indefinido (vários projetos)
4	0 (somente prática acadêmica)
6	18

Fonte: elaboração própria.

Outro dado interessante do bloco de identificação dos professores está relacionado com as disciplinas que trabalham além das de Planejamento Turístico em suas Instituições de Ensino Superior de origem ou outras instituições, o que é muito freqüente. Não existe um traço comum lógico entre as disciplinas ministradas pelos professores de Planejamento. O único ponto é que todos são ou já foram orientadores de estágio e de trabalho de conclusão de curso. Talvez algo que mereça atenção é o fato de duas áreas ou disciplinas se repetirem, sendo elas Gestão ou Administração para o Turismo, e Turismo e Meio Ambiente ou Turismo em Áreas Naturais. Cabe ressaltar que, fora os dois professores da universidade pública e outro de uma das instituições privadas, todos os entrevistados trabalham ou já trabalharam em mais de uma Instituição simultaneamente. Destes, três ainda atuam em outras instituições e também três seguem atuando como planejadores, ainda que somente um professor destes dois grupos leccione em mais de uma Instituição e siga trabalhando como planejador.

Essa visão mista de mercado e academia, aliada à experiência docente em diversas instituições enriquece o conjunto de opiniões surtindo efeito, inclusive, em algumas das colocações referentes às questões mais conceituais sobre Planejamento Turístico, como é tratado a seguir.

Aspectos Conceituais de Planejamento Turístico

O segundo bloco da pesquisa apresentou perguntas mais elaboradas, cujas respostas dependiam não do histórico pessoal do entrevistado, mas sim de seu conhecimento sobre Planejamento Turístico. Ainda que as respostas tenham sido espontâneas e sem citar nenhum autor em especial, a grande maioria apresentou conceitos acadêmicos, o que demonstra a

preocupação por parte dos professores com a teoria formal. Percebe-se no meio acadêmico de turismo a existência de um senso comum sobre o que é Planejamento Turístico, forjado ao longo dos anos pelas definições trazidas pelos mais diversos autores. Barretto (2005) trata a questão das definições de planejamento afirmando que “todas as definições têm em comum duas idéias: a de complexidade (quando se fala em sistema, processo, mecanismo) e a ação voltada para o futuro”. Frases como “processo de coleta de dados”, “visão de futuro”; “métodos e técnicas para o desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental de destinações” mencionadas pelos professores entrevistados se aproximam muito das definições formais de autores conhecidos. Por outro lado, foram apresentadas algumas opiniões informais que apontam o caráter prático do Planejamento, explicado pela atuação no mercado de alguns dos professores. Entretanto, destaca-se que, apesar da aproximação entre política e planejamento turístico ser defendida por vários autores (Ivars, 2004; Lickorish e Jenkins, 1997; Inskeep, 2001), as políticas foram somente uma vez incluídas nas definições, em uma das entrevistas.

A segunda questão tratou das etapas do Planejamento Turístico, e ainda que alguns poucos entrevistados tenham utilizado sinônimos, três etapas foram unanimidade: inventário, diagnóstico e prognóstico. Apenas dois dos entrevistados citaram os indicadores para controle; um cita a importância de identificar os atores sociais e, outro, comenta a importância de entender a demanda. Ainda que vários tratem das questões mais operacionais, mencionando programas, projetos, ações e a criação de planos, nenhum deles menciona a criação de políticas que norteiem a atividade.

A pergunta seguinte buscou originalmente identificar a opinião dos professores acerca das disciplinas que influenciaram conceitualmente o Planejamento Turístico, e como no pré-teste a pergunta mostrou-se vaga e de difícil escolha, optou-se por utilizar o diagrama proposto por Jafari e Ritchie (1981) para nortear as respostas. Ainda que a maioria dos entrevistados tenha colocado que praticamente todas as áreas são importantes para o Planejamento Turístico, não surpreendeu que “Planejamento Urbano e Regional”, “Economia”, “Administração de Negócios” e “Geografia” tenham figurado entre as mais mencionadas. Mesmo assim, foi uma surpresa o fato desta última ter sido ainda mais citada que as primeiras. Isto possivelmente se deve à influência que a Geografia exerce sobre o curso de turismo da Universidade Federal de Paraná - UFPR, onde muitos dos professores estudaram o bacharelado e que possui em seu quadro de professores alguns com dupla graduação (em turismo e geografia), ainda que nenhum deles esteja entre os entrevistados.

É interessante destacar que, ainda que a “Geografia” figure como a maior influência ao Planejamento na resposta 3, quando perguntados sobre qual consideram suas influências pessoais, na questão 6 deste bloco, apenas três professores mencionaram essa disciplina. Os demais consideram ou a área ambiental ou a gestão de negócios e um cita as áreas sociais (sociologia e antropologia). Além disso, haja vista à tendência em direção à gestão que apresentam muitos dos professores entrevistados, considerando a relação entre planejamento turístico e planejamento de marketing, seria possível supor que os destinos fossem comparados a produtos, com significativa importância dada ao marketing dos mesmos, o que na verdade não ocorreu. Ainda que alguns autores, até mesmo a OMT (1999) incluam conceitos de Marketing nos planos turísticos, para os professores entrevistados as duas áreas são compatíveis em momentos separados, mas são distintas.

O Planejamento Estratégico comparado ao Planejamento Turístico mostrou-se bastante interessante por não ter uma linha comum entre as opiniões. O envolvimento do Planejamento Estratégico com o Planejamento Turístico é tão latente que a OMT (1998, p. 187) destaca que a terminologia usada para o segundo, representa o primeiro, ao apontar que “o termo Plano de Desenvolvimento Turístico se usa extensivamente fazendo referência ao planejamento turístico. Em geral se traduz em um plano estratégico que integra todos os aspectos do desenvolvimento turístico, incluindo os recursos humanos, meio ambientais e sócio-culturais”. De maneira equilibrada, e sem influência de suas formações, os professores se dividiram em 3 grupos de resposta; dos que consideram que o Planejamento Estratégico faz parte do processo de Planejamento Turístico para os objetivos de longo prazo; dos que consideram o Planejamento Turístico como parte de um processo mais amplo de Planejamento Estratégico desenvolvido na destinação, ou seja, o Planejamento Turístico está inserido no Planejamento Estratégico; e os que opinam que o Planejamento Estratégico está mais voltado para empresas que para destinos.

Entretanto, sabe-se que além de considerar o setor empresarial, é necessário envolver todos os outros agentes sociais do destino, tanto na elaboração como na execução do Plano de Desenvolvimento Turístico. Desta forma, a OMT (1999, p 36) aponta como necessária a aceitação de que o resultado principal do Plano não é tanto a redação de um ‘programa de governo local’ mas sim, a consecução de um ‘contrato político’ entre as administrações públicas e a sociedade civil sobre o modelo turístico futuro desejável para o território e para a comunidade local, o que denota o elo entre planejamento e política. De fato, todos os professores entrevistados destacaram a importância das Políticas Públicas para o êxito do processo de Planejamento Turístico.

Estas respostas estão interligadas com as opiniões destes professores acerca dos atores sociais que participam ou devem participar dos processos de Planejamento. Conforme o esperado, todos citaram os três pilares, ou seja, poder público, setor privado e comunidade. Interessantemente, quatro entrevistados incluíram os planejadores como um ator separado. Aproximando à suas áreas de influência, um professor que tem mais referências sociais reputou como fundamental a participação do poder público e uma das respostas vindas da Universidade Pública acrescentou que este ator deve ser representado não apenas pelos organismos diretamente envolvidos com turismo, mas também pelos de cultura, meio ambiente e outros.

Entretanto, sobre o papel que apresentam as Instituições de Ensino Superior neste processo, que foi intencionalmente perguntado no final deste bloco, as respostas foram muito diversificadas. Dois consideram que as Universidades têm o papel de consultoras; um considera a academia como um ator alinhado ao processo; três colocam que o papel é de criar a teoria acerca do tema e outros três apontam como fornecedoras de mão-de-obra qualificada, ou seja, ex-alunos capacitados.

Finalmente, como se supunha, todos os professores destacaram a importância do ensino de Planejamento Turístico nos programas superiores de turismo, colocando-o como fundamental inclusive para os alunos que não tenham interesse de atuar profissionalmente nesta área específica, pois a consideram essencial para ampliar a visão sobre turismo.

A Disciplina de Planejamento Turístico

Ruschmann (2001) defende que o planejamento é fundamental para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, e que numa disciplina de graduação os alunos devem ser ensinados a utilizar de forma adequada técnicas e instrumentos pertinentes ao planejamento. No intuito de saber se os professores corroboram com a opinião, foi-lhes perguntado se Planejamento Turístico deve ser lecionado nos bacharelados, ou se em suas opiniões esta disciplina deveria fazer parte de níveis mais altos (pós-graduação) ou mais baixos (tecnólogos ou técnicos) de estudo. Todos disseram que consideram a disciplina adequada para o curso de bacharelado, mas que talvez pudesse ser aprofundada pelos interessados em uma pós-graduação.

De fato, conforme mencionado na introdução deste artigo, todos os cursos superiores de Turismo de Curitiba possuem disciplinas ligas ao Planejamento Turístico, ainda que com uma diversidade considerável nas denominações e nas composições de área, como pode-se perceber no quadro abaixo:

Quadro 4: Disciplinas de Planejamento Turístico ou relacionadas aos temas presentes no universo pesquisado segundo informações dos entrevistados

Disciplina	IES	FACINTER	FC	OPET	PUCPR	SANTA CRUZ	UFPR	UNIBRASIL	UNICENP	UTP
Ordenamento Territorial Turístico					54h					72h
Organização Turística					54h					
Planejamento Estratégico						36h				
Planejamento Turístico					72h	72h	90h		144h	
Plan. Turístico em Áreas Urbanas							90h			
Plan. Turístico em Áreas Naturais							90h			
Plan., Organização e Sistemas Turísticos							90h			
Planejamento e Organização do Turismo	170h	144h	108h					180h	72h	144h
Pol. Públicas em Tur. ou Política Tur. Bras.					36h	36h				
Total de horas	170	144	108		216	144	360	180	216	216

Fonte: elaboração própria.

Existe uma tendência de diferenciar as disciplinas de “Planejamento Turístico” e “Planejamento e Organização do Turismo” que já havia sido percebida durante a interpretação da pesquisa na quarta pergunta do bloco 2. Mesmo considerando que na maioria das Universidades (sete ao todo), os temas relativos à teoria e à prática de Planejamento estejam vinculadas às disciplinas de Planejamento e Organização do Turismo - POT (ainda que distribuídos em vários semestres); ainda assim a maioria dos entrevistados considera que são coisas distintas, sendo POT (ou POST em um dos casos) mais teórica, voltada aos sistemas, às políticas, à estrutura e à organização da atividade turística, e Planejamento Turístico mais prática, direcionada à estruturação e desenvolvimento de destinações turísticas. Este fato, a exemplo do que acontece com a questão da Geografia, pode dever-se novamente à influência da UFPR, já que a separação de Planejamento Turístico e Planejamento e Organização do Turismo em duas disciplinas ocorreu pela primeira vez no Paraná numa das reformas curriculares da UFPR na década de 1990. De fato, há que se considerar que na primeira resolução que regulamenta os cursos superiores de Turismo no Brasil (Resolução s/n. de 28.01.1971), a matéria de Planejamento e Organização do Turismo era a única específica da área de turismo, podendo ser considerada aquela que gerou todos os desdobramentos em disciplinas específicas posteriormente ministradas em cursos de turismo ou sugeridas em currículos mínimos propostos por associações e pelo próprio governo⁵, não necessariamente ligadas ao *planejamento de destinações turísticas* como se concebe atualmente. Na verdade, a proposta de uma disciplina com o nome de *Planejamento Turístico* só surge em 1995 na proposta realizada pela ABBTUR durante o Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo na cidade de Curitiba (Matias, 2002). Em termos gerais, o principal ponto que se

⁵ Para aprofundamento das propostas de currículos mínimos que ocorreram ao longo dos anos no Brasil, sugere-se a leitura do primeiro capítulo de Matias (2002).

percebe é que a maioria dos cursos (sete) apresenta disciplinas de Planejamento e Organização do Turismo (POT), oferecidas em mais de um semestre. Os que não apresentam disciplina com este nome, têm alguma disciplina de Política Pública, ou, relacionam políticas públicas com o Planejamento e Organização da atividade e à visão sistêmica do turismo (POST). Segundo as respostas dos entrevistados, nestas Instituições que não apresentam disciplinas de política especificamente, estes conteúdos são oferecidos nas primeiras partes de POT. Isto reitera o vínculo entre Planejamento e Política presente nas respostas dos entrevistados em outros blocos, e defendido por Solha (2006) quando coloca a “importância do poder público na formulação e na implementação da política de turismo, oferecendo suporte para as decisões de planejamento”. Destaca-se que somente duas universidades possuem disciplinas de Políticas Públicas de Turismo, e que somente em uma a mesma pessoa ministra Planejamento Turístico e Políticas Públicas em Turismo.

Além disso, as disciplinas de Planejamento Turístico, ou as mais avançadas de POT, costumam estar mais adiante da metade dos programas, o que aponta para a necessidade de embasamento teórico para a compreensão dos conteúdos. Ainda que seja lógico, ressalta-se que os primeiros bimestres e semestres das disciplinas normalmente são teóricos e aos últimos se reserva a prática de Planejamento, quando existe.

Ainda neste bloco, foi perguntado também sobre a metodologia empregada nas disciplinas e na avaliação dos conteúdos. Em todas as respostas, mencionou-se que a metodologia aplicada está baseada não somente em teoria como também na prática de campo, seja como laboratório, em alguns casos, seja realizando um Plano de Desenvolvimento Turístico que costuma ser entregue ao representante do município, área ou região adotada para a prática. As que incluem estes planos em suas práticas utilizam-se deles também como parte da avaliação dos alunos. Mesmo assim, independente do enfoque principal (prático ou teórico), todos tratam a disciplina de Planejamento Turístico como outra disciplina qualquer, com avaliações tradicionais e exames, o que indica a (sabida) existência de teoria sobre o tema sendo ministrada como conteúdo curricular das disciplinas.

Entretanto, a fim de conhecer quais são os autores indicados com maior frequência como referência, além de outros materiais utilizados e suas origens, foi solicitado aos entrevistados que mencionassem a bibliografia fundamental de suas disciplinas. Acerca dos materiais, todos os professores indicam os formulários e outras diretrizes do Governo Federal (Ministério de Turismo) e uns poucos do Governo do Estado do Paraná (Secretaria de Estado de Turismo).

Contudo, quando se trata dos autores há algo que chama muito a atenção. Mesmo considerando o fato do ambiente de entrevista ter sido informal, e que nenhuma preparação prévia tenha sido solicitada; com exceção de menções à OMT e à WWF além de um ou outro autor distinto mencionado por alguns entrevistados, todos os professores citaram praticamente os mesmos autores. Entretanto, o mais preocupante não é a repetição de nomes, mas sim o fato da publicação mais recente dos autores citados ser do ano de 2002; e a maioria dos anos 1980 e 1990. A seguir apresenta-se um quadro com os nomes mencionados:

Quadro 5: Autores mais citados

Brasileiros	Estrangeiros
Claudia Magalhães	Michael Hall
Dóris Ruschmann	Miguel Acerenza
Margarita Barreto	OMT
Maria Angela Bissoli	Roberto Boullón
Mario Beni	WWF
Mario Petrocchi	
Reinaldo Dias	

Fonte: elaboração própria.

Ressalta-se que, ainda que Barreto tenha lançado uma edição atualizada de seu livro sobre planejamento, agora intitulada *Planejamento Responsável do Turismo* (Barreto, 2005), que Ruschmann tenha organizado recentemente uma nova publicação (Ruschmann e Solha, 2006) e que Beni tenha lançado dois livros após a Análise estrutural do Turismo, um deles chamado *Política e Planejamento de Turismo no Brasil* (Beni; 2006), as publicações desses autores mencionadas pelos professores foram as originais, publicadas respectivamente em 1995 (1ª edição em 1991), 1997, e 2001 (1ª edição em 1997).

Reiterando que foi pedido aos professores na entrevista que citassem os autores que mais utilizam nas aulas e que nos locais de entrevista nenhum deles tinha qualquer tipo de material para consulta; a lista apresentada nos leva a considerar três possibilidades: uma é que já não se produz tanto em termos de livros de Planejamento Turístico no Brasil, e que não se traduz com tanta frequência os títulos mais recentes existentes no exterior (o que pode significar uma tendência a isolamento acadêmico); ou que os títulos mais recentes não são considerados (ou efetivamente não são) tão bons como os mais antigos; ou por fim, que os professores, ainda que por razões não-voluntárias, não estão atualizados acerca das novas publicações.

Concluindo este bloco perguntou-se aos professores se existem atividades de caráter interdisciplinar que envolvam a disciplina. Dos que responderam, a maioria colocou que sim existem estas atividades, e surpreendeu (positivamente) que as atividades mais frequentes envolvam as disciplinas de marketing, política, meio ambiente, sociologia e inclusive

museologia, em um dos casos, e gastronomia em dois. Isto indica que a formação pluralista dos bacharelados em turismo permite combinações acadêmicas e profissionais muito singulares.

No intuito de conhecer o perfil dos egressos das universidades que compõem o universo da pesquisa, foi elaborado um bloco de perguntas acerca das informações disponíveis sobre estes profissionais.

Mercado de trabalho e atividades profissionais dos egressos

Como é sabido, a quantidade de cursos de turismo multiplicou-se exponencialmente nos anos 90 e no princípio deste século XXI (Matias, 2005; Ansarah, 2002; Trigo, 2000), o que desequilibrou o mercado de trabalho, já escasso para turismólogos, pela injeção de centenas de profissionais por ano (Berberi *et al*, 2006).

Buscando conhecer a opinião dos entrevistados acerca desta situação, lhes foi questionado onde consideram que estejam as oportunidades profissionais em relação a planejamento turístico. Existe uma tendência entre vários entrevistados de considerar que o setor público municipal, de cidades do interior é, hoje em dia, o que mais oferece oportunidades. Uns poucos acreditam que existe uma propensão a que o terceiro setor (as ONGs) cresça e com isso sejam gerados mais empregos. Outro dos entrevistados considera que as associações rurais necessitam de profissionais de turismo para evoluir suas atividades e outro, ainda, acredita que o Paraná está sobrecarregado de consultorias e por questões políticas esta não é uma área tão promissora aos egressos, o que *a priori* não pode ser generalizado.

Sabe-se, entretanto, que o simples desejo por trabalhar com planejamento turístico não significa aptidão ou perfil para ser planejador. Quando perguntados como é, ou deve ser, o perfil de alguém que deseje trabalhar com Planejamento Turístico todos os professores acordam que conhecimento técnico é fundamental, ainda que possa ser aprofundado com a prática; mas enquanto características pessoais, consideram que um planejador tem que ter visão mais ampla mercado, ter habilidades comunicativas, criatividade, ser crítico, consciente e conciliador para que possa trabalhar com equipes.

Percebe-se que nenhuma das características é prerrogativa exclusiva de turismólogos. Na verdade, ficou claro que a concorrência para os postos de trabalho não é restrita aos egressos dos cursos de turismo, pois nenhum dos entrevistados conseguiu afirmar que exista alguma etapa do processo de Planejamento Turístico que dependa exclusivamente de conhecimentos disponíveis somente nos cursos de turismo ou que só possa ser realizada por

bacharéis em turismo. Não obstante, todos acreditam que os bacharéis em turismo possuem um olhar distinto que facilita sua atuação, de maneira que, ainda que não seja imprescindível, é melhor trabalhar Planejamento Turístico com equipes coordenadas por bacharéis em turismo.

Na pergunta que finaliza a entrevista, foi pedido a cada um dos entrevistados que nomeasse cinco planejadores turísticos, preferencialmente do Paraná, ou do Brasil, para novas pesquisas com profissionais da área para conhecer a realidade de mercado, e algumas características da lista resultante merecem destaque. Primeiramente não foi uma tarefa simples para a maioria dos entrevistados lembrar de cinco nomes. Três planejadores presentes nesta lista foram entrevistados como professores nesta pesquisa e estão efetivamente entre os que possuem mais experiência profissional no Paraná. Mesmo assim, está claro que outra parte dos nomes é composta por autores de renome nacional, já citados no quadro 5. Em primeiro lugar está uma bacharel em turismo, que, como autora, foi mencionada por quase todos os entrevistados. Mormente, entre os dez primeiros, somente três não são bacharéis em turismo, e destes, dois são autores com larga tradição em turismo, atuando não apenas na academia, mas também em consultoria; e um que foi consultor com trabalhos em todo o país e no exterior e que atualmente se dedica à política no Paraná.

Por fim, chama a atenção o fato de tão poucos nomes terem sido citados, o que leva a considerar ao menos duas possibilidades; a primeira é que poucos profissionais ganham fama atuando em planejamento turístico, a ponto de serem lembrados. A segunda, é que efetivamente existem poucos profissionais atuando nessa área, o que põe em cheque a afirmação de que o planejamento turístico é uma das principais áreas de atuação do bacharel em turismo.

Considerações Finais

A proposta deste trabalho não é de esgotar um assunto tão amplo quanto seriam as interfaces entre docência em turismo e planejamento turístico, e sim apresentar uma “pesquisa semente” que indique novos caminhos a serem pesquisados e novas possibilidades de compreender as relações do aprendizado e da prática nesta área.

As questões levantadas neste artigo apontam para uma estagnação da área de planejamento turístico no meio acadêmico de turismo, possivelmente relacionada à emancipação da produção bibliográfica na área de turismo. Com a aceleração da produção científica nos anos 1990 e no início deste século, criou-se uma noção de auto-suficiência no meio acadêmico da área que passou a se alimentar de informações da própria atividade

turística. Se esta emancipação trouxe, por um lado, o aspecto positivo de consolidar uma área de produção; trouxe de outro a diminuição de *inputs* das áreas originais às quais o turismo era – e talvez ainda seja – vinculado, especialmente as que mais influenciaram a área, como a Geografia, a Administração, a Economia e o Planejamento Regional e Urbano, segundo a pesquisa. Tem-se a impressão que neste desmembramento a velocidade de inovação na área de turismo não acompanhou as áreas originais, ao menos no Brasil, e que poucas novidades têm surgido na disciplina específica de Planejamento Turístico. De fato, uma das últimas “novidades” incorporadas à literatura foi o planejamento participativo, nos anos 1990, que foi amplamente debatido na área de planejamento e das políticas públicas, e que não foi criado especificamente para a atividade turística. Cabe ressaltar que o surgimento e a incorporação do planejamento participativo no turismo em muitos casos, podem ter ocasionado o esquecimento ou minimizado a importância do planejamento estratégico.

É possível que em turismo, e mais especificamente em Planejamento Turístico, estejamos vivendo uma *miopia turística* comparável à dos transportes ferroviários tratada por Levitt nos anos 1960, e que na busca da epistemologia (Moesch, 2000; Panosso Netto, 2005) e da consolidação de uma área, tenhamos fechado algumas portas que nos traziam os ares de outras áreas.

Além disso, parece necessário que o ensino do turismo seja repensado para a realidade atual. A forma de ensino, em especial de planejamento, não é sustentável, já que objeto de estudo das disciplinas, *i.e.* as destinações turísticas, quando usadas como laboratório resultam em concorrência com os egressos que tencionem trabalhar com a área. Por mais que os planos realizados pelas IES para essas destinações intencionalmente não sejam conclusivos, muitos dos gestores despreparados dos municípios em questão não saberiam diferenciar uma atividade acadêmica de outra profissional, ou talvez nem o desejem. Não surpreende, portanto, a falta de interesse pela atuação profissional nessa área, pois os cursos superiores de turismo já não são mais uma novidade, e os ingressantes (potenciais) já possuem informações sobre a área com facilidade. A falta de perspectiva profissional não é só em Planejamento Turístico e vem refletindo, junto com uma acomodação natural de mercado, na relação entre vagas oferecidas e ocupadas no ensino superior de turismo, e até na própria oferta de cursos por parte das IES, e Curitiba é um exemplo claro disso. Dos 13 cursos existentes na região da Grande Curitiba mencionados por Paixão e Gândara em 2004, somente nove continuam ativos e participaram desta pesquisa.

Por mais que possa soar como um contra-senso, ao que parece a área de turismo cresceu de forma não sustentável e hoje padece pela falta de visão de futuro. É necessário que

se pense estrategicamente e que se tracem ações que revertam o declínio, quem sabe rejuvenesçam ou, pelo menos, mantenham a estagnação, parodiando o ciclo de vida das destinações turísticas Butler (1980). É possível que seja necessário planejar o futuro do ensino do planejamento turístico.

Referências

- ALMEIDA, M. “O Ensino de Planejamento Turístico no Brasil: reflexões e recomendações para a prática pedagógica”. IN RUSCHMANN, D e SOLHA, K T. *Planejamento Turístico*. Barueri: Manole, 2006.
- ANSARAH, M. *Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das Instituições Educacionais do Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETTO, M. *Planejamento responsável do turismo*. Campinas: Papirus, 2005.
- BARRETTO, M. *Planejamento e organização em turismo*. Campinas: Papirus, 1995. 5ed.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac, 2001. 5ed.
- BENI, M. C. *Política e Planejamento de Turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.
- BERBERI, A. ; SILVEIRA, C. ; PAIXÃO, D. ; COBOS, V. “Ensino Superior de Turismo no Brasil e a Necessidade de Alinhamento com uma Política Nacional de Turismo.” IN: *I Encontro Estadual de Pesquisadores em Hotelaria e Turismo*. Campo Mourão, 2006.
- BUTLER, R. “The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources”. *Canadian geographer*, 1980, pp.5-12, vol. 24.
- INSKEEP, E. *Tourism planning: an integrated and sustainable development approach*. Nova York: Wiley, 1991.
- IVARS, J A. *Planificación turística de los espacios regionales en España*. Madrid, Editorial Síntesis, 2004.
- JAFARI, J e RITCHIE, J R B. Toward A Framework For Tourism Education, *Annals Of Tourism Research*, vol.8, pp.13-34, 1981.
- LEVITT, T. “Marketing Myopia”. *Harvard Business Review*. Boston: Jul/Aug 2004. Vol. 82, Iss. 7,8; p. 138
- LICKORISH, L J e JENKINS, C L. *An Introduction to Tourism*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1997.
- MATIAS, M. “Panorama da formação profissional em turismo e suas relações com o mercado de trabalho no Brasil”, In TRIGO, L.; PANOSSO NETTO, A.; ALDRIGUI, M. E PIRES, P. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca , 2005.
- MATIAS, M. *Turismo: Formação e Profissionalização – 30 anos de história*. Barueri: Manole, 2002.
- MOESCH, M. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.

OMT. *Agenda para planificadores locais: turismo sostenible y gestión municipal, edición para América Latina y Caribe*. Madrid: OMT, 1999.

OMT. *Introducción al turismo*. Madrid: OMT, 1998.

PAIXÃO, D. L. D.; GÂNDARA, J. M. G. “A relação entre formação de recursos humanos e o desenvolvimento sustentável do turismo: uma análise da educação turística na cidade de Curitiba”. Curitiba: *Ciência & Opinião*, v. 1, p.173-188, 2004.

PANOSSO NETTO, A. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

RUSCHMANN, D e SOLHA, K. *Planejamento Turístico*. Barueri: Manole, 2006.

RUSCHMANN, D. “Planejamento Turístico”. IN: ANSARAH, M. *Turismo: como aprender, como ensinar*. Vol.2. São Paulo: Senac, 2001.

RUSCHMANN, D. *Turismo e Planejamento Sustentável*. Campinas: Papirus, 1997.

SCLÜTER, R. *Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria*. São Paulo: Aleph, 2003.

SPINELLI, S. “A Importância da Formação Profissional em Turismo”. In SHINUGOV NETO, A e A e MACIEL, L. *Currículo e Formação Profissional nos Cursos de Turismo*. Campinas: Papirus, 2002.

TRIGO, L. “A Importância da Educação Para o Turismo”. IN: LAGE, B. e MILONE, P. *Turismo Teoria e Prática*. São Paulo: Atlas, 2000.